

CONSTRUINDO HISTÓRIAS E TECENDO A VIDA COM EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE UM BAIRRO

Janaina Madeira Brito Stange: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). jhanybrito@gmail.com

Elizabeth Maria Andrade Aragão: Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). baragao@terra.com.br

Este texto é uma tentativa de abordagem sobre o campo dos movimentos sociais pela via de uma experiência com a psicologia. Uma psicologia que toma a *história oral* como meio de produção de conhecimento, sem desconsiderar (da atividade teórica) a possibilidade de contato com as pessoas, com a história construída no presente das vidas e, quem sabe, a possibilidade efetiva de intervir nestas. Com tais proposições, a função desta escrita se insere num movimento de enlace entre as palavras que circulam e a força dos corpos.

O campo de pesquisa vai se configurando com elementos que vão além das contingências concretas de uma instituição, além do funcionamento de uma Política, de como se caracteriza uma entre as áreas de interesse da psicologia, uma entre as tantas abordagens teóricas de um tema. Nosso campo se tece considerando as perguntas que movimentamos, as experiências de vida que localizamos, as pessoas, alegrias, os cheiros, pedidos entremeados pelas narrativas.

Vamos tia, leva a gente para viajar no ônibus que voa! ¹.

Partimos agora numa viagem com estas palavras simples e tão consideravelmente complexas. Proferidas por lábios infantis em visita a um projeto social, elas passam a movimentar a fundamentação teórica do nosso texto e uma convocatória de que, junto, desenvolvamos uma orientação ética balizada pelas vidas do bairro. Àquele misto de desabafo alegre nos convida a desdobrar algumas idéias a partir da função *alegórica* das palavras e da pertinência, porque não considerar, da própria escrita durante a feitura de uma pesquisa aberta a bifurcações em seu processo. Tomemos, portanto, o “viajar no ônibus que voa” como uma alegoria. Alegoria não apenas para o menino que quer colocar seu corpo na avenida em uma experiência desconhecida, mas alegoria que expande também para nós outros caminhos reflexivos.

A figura benjaminiana da **alegoria** – dos termos *allo* (outro) e *agorein* (dizer), discutida belamente por Gagnebin (2007) – se faz crucial para pensar a temporalidade e a história, colocando no cerne de seus sentidos um confronto com o quê de eternidade e de passageiro nas vidas. Uma alegoria que, como figura de pensamento, movimenta o tratamento metodológico da pesquisa e a abordagem de nossa interação com a produção acadêmica sobre os movimentos sociais. Alegoria: ponto de convergência para a linguagem e a história, fundamental para pensar as narrativas humanas, fundamental para pensar a modernidade.

¹ O ônibus referido estava na estampa na camisa da pesquisadora (do Fórum Social Mundial descentralizado), que trazia a paisagem do Pão de Açúcar / Rio de Janeiro. Diário de Campo, 19/11/2008.

[...] a alegoria ressalta a possibilidade de um sentido eterno e a necessidade de perseverar na temporalidade e na historicidade para construir significações transitórias [...] insiste na sua não-identidade essencial, porque a linguagem sempre diz outra coisa (allo-agorein) que aquilo que visava, porque ela nasce e renasce somente desta fuga perpétua de um sentido último. A linguagem alegórica extrai sua profusão de duas fontes que se juntam no mesmo rio de imagens: da tristeza, do *luto* provocado pela ausência de um referente último; da liberdade lúdica do *jogo* que tal ausência acarreta para quem ousa inventar novas leis transitórias e novos sentidos efêmeros. (GAGNEBIN, 2007, p. 38, grifos da autora)

Para que as palavras dancem é necessário considerar a separação de um senso literal, dos sentidos fixos, eternos e – quer na frase que “relampeja” fugazmente ou na história tecida nos encontros de um tempo que se delonga – afirmar a “abertura” como tônica da História (BENJAMIN, 1994). Uma abertura para o narrado que se constrói na possibilidade intervalar e na arbitrariedade, sendo exatamente esta arbitrariedade, em algum momento, a geradora de novos sentidos que “germinarão”, somando-se ao sentido previsível e se despedindo da pretensão de encontro com tudo que verdadeiro, eterno e total.

Intitulando *Um soluçar de Vida: cantos que ecoam com os projetos sociais de Barra do Riacho (Aracruz/ES)*, traçamos um viés em nossa pesquisa que é efeito do encontro da população com os projetos do bairro, ressaltando a relação, as soluções sentidas e operadas por meio dos projetos sociais. No contato com as pessoas, abordamos os usos das cidades através de mobilizações sociais, com destaque à participação de Organizações Não Governamentais (ONGs) e ao que hoje se denomina Terceiro Setor - campo constituído pelas parcerias de empresas, ONGs e Governo no fomento de ‘projetos sociais’ em comunidades de periferia.

Periferia, bolsão de pobreza, favelas, pobres, carência de instituições e espaços públicos constituem terreno profícuo a realizações de “ações sociais modernas”, empenhadas pelo o que polemicamente também pode ser chamado de “movimentos sociais modernos” (GONH, 2004). Como tal, estes movimentos caminham junto à **saudade** – um sentimento ante o que se configurou entre as décadas de 1970-1980 no Brasil, numa síntese: “sujeitos coletivos” assumindo não tão somente as instâncias de participação política com a abertura democrática, mas ainda, e, sobretudo, assumindo as ruas, os bairros, as comunidades eclesiais de base, os sindicatos, postos de saúde...

De grande valor, o movimento empreendido pelas plurais frentes políticas naquelas décadas (SADER, 2001), fez funcionar um efetivo cenário mobilizador, fruto (como endossamos) do contágio e ressonância das lutas sociais. Fossem elas empreendidas com vistas à organização, à institucionalidade ou não, à formalização em partidos políticos ou outra coisa. Nos estudos recentes, cientistas políticos e sociais constataam que na década de 1990 e nos anos 2000 há mudanças substanciais no cenário democrático brasileiro, efeito desta dimensão moderna das ações, abertura também para uma perspectiva que toma as iniciativas anteriores às ONGs como um exemplo que converge toda atenção. Nas palavras de GONH (2004), há o reconhecimento:

Outros autores surgiram na arena pública com as ONGs. Com as mudanças, as bases dos movimentos confluíram e se vive uma grande **contradição**: a de ter uma sociedade política construída a duras penas pelos **movimentos e lutas sociais**, com ganhos expressivos para a redemocratização do país, e a **inércia desmobilizadora**, alimentada por dois elementos: de um lado, o formato das novas ações coletivas, que assim como o sistema produtivo moderno, priorizam poucos e bem capacitados militantes, entricheirados em aguerridas organizações; por outro lado, a conjuntura

política do país, de incertezas, medo da violência exacerbada e descrença na força de alguns valores, como a da **participação**. (p. 318-319, grifos nossos)

Embora não tire “as ações sociais modernas” do plano das lutas, a autora deixa claro a possibilidade de cerceamento destas no seio de instituições e dos programas especializados que se tornam carro abre-alas das ONGs. Oliveira (2007) a endossaria, afirmando ainda que tal formalização enfraquece o que teria sido fortalecido com a “sociedade civil” brasileira, germinando projetos numa “era de indeterminação” que é a marca dos anos de 1990, tempo que já não se tem referências políticas seguras como outrora. Para ele, trata-se de uma fase que evidencia, entre outras coisas: “[...] uma “onguização” da política social que concorre com o Estado e com os partidos desde a formulação de políticas locais e focalizadas até a distribuição de alimentos [...]” (p. 41, grifos do autor). Oliveira reconhece ainda ser formidável o fato destas entidades/ações/projetos sociais darem visibilidade às “desigualdades abissais” que perduram no país, contudo, enfatiza que a nobreza das propostas esconde-se “[...] nas dobras da crítica ao Estado “mau gerente”, a privatização das políticas sociais, a desuniversalização, a volta ao assistencialismo [...]” (p.42, grifos do autor)

O que vemos nestas idéias é uma abertura para pensar algo desta historicidade que vira modelo e dá a tônica da crítica teórica aos ‘novos’ efeitos dos, também novos, movimentos sociais. Para nós, parâmetro de uma outra inteligibilidade que não pode ser entendida unicamente por uma historicidade cronológica e progressiva. Benjamin (1994) nos lembra que criticar o progresso é criticar a idéia de que a humanidade marcha num tempo vazio e homogêneo. Por isso, quando lemos a definição categórica de um lócus para a indesejada “inércia desmobilizadora”, nos indagamos onde afirmações como esta nos levam. O que produzem? Será que podemos considerar a vida humana sem contradições e, ainda, ‘mobilização’, ‘solidariedade’ e ‘luta social’ como garantias apenas de certas racionalidades e temporalidades políticas?

Consideramos de grande relevância a cartografia dos movimentos sociais feitas por Gonh (2003; 2004) e, justamente por respeitar a historicidade atenta aos saltos descontínuos que marcam a política e a vida no nosso país, entendemos ser importante trazer elementos de algumas lutas travadas por outros caminhos e planos. Entendemos que se há luta e mobilização social, há porque seres humanos podem assim empreendê-las. Neste empreendimento, é preciso considerar a dimensão do vivo como capaz de construir uma História não única, não fatídica, nem total e fechada em “nostalgias de certezas desaparecidas” - idéia benjaminiana sobre o tensionamento conflitivo do passado com o presente na modernidade. Coerência também, ao saudosismo de algumas formas de ler os movimentos sociais, em tese, objeto de saudade porque no presente, as formas não estão. Ou porque ainda em outro lugar, atribui-se valor sem igual.

Se, é preciso reconhecer a força do saudosismo na vida, somos desejosos que um discurso melancólico possa dar também asas, como disse Gagnebin (2007), a libertos jogos lúdicos, movimentando histórias, afirmando coexistentemente uma textualidade da vida que seja polifônica: com lugar para vozes desconhecidas, anônimas, pontuais. Isto quer dizer que, ainda que tenhamos algumas certezas e conclusões sociológicas, é preciso garantir a possibilidade de haver muitas histórias na História que contamos, de modo que a tessitura do enredo da vida humana seja sempre aberta à escrita, à reescrita, à invenção, à contestação, a afirmações de múltiplas ordens.

Nesta pesquisa, apostamos na **história oral** como possibilidade de trazer sempre para cena pública o debate com diferentes dizeres. Se não isso, pode a *história oral* ser um caminho

para o confronto com tantos outros dizeres no campo social tencionado pela participação humana. Como campo histórico, é uma fundamental contestação à gênese das fontes históricas, fatos e acontecimentos, sobremaneira os hegemônicos. Como “dimensão teórica”, coloca em pauta a produção de “acervos de depoimentos orais”, sobretudo quando se fala de pesquisas em torno de movimentos populares. Coloca também para os historiadores, um debate quanto a seu *status*: afinal, é ela uma *técnica*, uma *disciplina* ou *metodologia*? (AMADO, 1996). Enquanto metodologia, a *história oral* nos põe diante de questões orientadoras, a saber, como estamos efetivamente nos relacionando com ela, pontos de encontro e arranjos teóricos e operacionais? E como, portanto, ela pode interferir em nossa produção de pesquisa?

Partimos destas perguntas (ainda que importantes para movimentar o pensamento), para tomar a *história oral* como ferramenta e meio de empreender uma pesquisa em psicologia, experimentando-a na ampliação de nosso alcance crítico, quer seja na crítica social, filosófica ou cultural... ressaltando também sua função fortalecedora de problematizações contemporâneas. A *história oral* fortalece-nos porque passamos a trabalhar com diferentes acoplagens discursivas, construindo perspectivas de encontro com o ser humano e com o que este constrói no cotidiano. Isto não quer dizer (vale destacar) que defendamos uma psicologia isenta de responsabilidades éticas. Quer, diferentemente, ao menos considerar uma pesquisa que se ancora nas exigências locais de cada país, de cada voz e terreno de pesquisa que se fazem guias de nosso trabalho teórico.

Nossa pesquisa é fundamentada nas especificidades locais e nas formulações teóricas singularizadas. Este *local* traço comum às abordagens e teorias pós-modernas (KUMAR, 2006; BAUMAN, 1999), e que agora ganha destaque nesta produção porque ora se distingue e ora se converge a um global massificado e homogeneizador, é também a constatação de que cada pensamento e pesquisa não se isentam de arranjos com seu próprio tempo histórico e, portanto, com as tendências epistemológicas que neste ganham visibilidade (FOUCAULT, 1972). Pesquisas que enfatizam o local, no Brasil, dão ancoragem ainda às contradições e desafios postos por cada fração de chão brasileiro, e neste sentido, tem valor menos para fortalecer nosso sentimento de identidade cultural e mais como pistas que ajudam a re-alocar os problemas de pesquisa e as intervenções sociais a eles indissociáveis.

Aracruz/ES, local onde cravamos os pés no estudo, é um município diverso em seu modo de vida, fazendo conviver conflitivamente comunidades indígenas, agrícolas, pesqueiras e industriais. Seus ares de modernidade fazem conviver ainda e intensivamente grandes empreendimentos econômicos, acelerado ritmo financeiro, naturalizado fluxo de trabalho e trabalhadores - sentidos intrínsecos ao cunho empreendedor que a industrialização encarna (BERMAN, 1986) - com vidas, experiências, falas, territórios e temporalidades que “repercutem os embates” da vida ali, onde a celeridade encontra-se inevitavelmente com “homens de tempo lento” (SANTOS, 2008), muitas vezes, resistindo, lutando por uma vida que não os negligencie.

Pesquisar em Aracruz nos ensina que o pertencimento ou não ao processo industrial moderno não está relacionado à pertinência e racionalidade da pergunta se *incluído* ou não no trabalho, na indústria, na escola, no curso profissionalizante oferecido pelo projeto social. Nesta terra, a perspectiva progressista encarnada pela industrialização, como textos que traçamos em nossas vidas e os movimentos que a própria vida comporta, nos inclui necessariamente, ainda que esta inclusão se faça de maneira diversa e por vezes com pouca visibilidade.

empresa [Aracruz Celulose SA, hoje FIBRIA do Grupo Votorantin] e sim com as empreiteiras. O pessoal daqui trabalha nas empreiteiras. É a grande que tá inventando isso. Isso até tá longe de nós [...] dizem que a crise vai chegar no supermercado, mas o preço da carne, eu vi, diminuiu. Esta crise está distante, mas eles vêm e põem a responsabilidade no nosso colo [...] os professores até brincam com a crise, não acreditamos nela. Todo mundo continua com a vida normal, mas eu vejo, ela tá no nosso colo. (Educador, Diário de Campo, 19/11/08)

Estamos necessariamente na vida. Vinculados aos acontecimentos dela, vinculados ao território, às muitas temporalidades que este território comunga, aos movimentos no terreno social ainda que este acolha e dê sentido a situações e projetos políticos completamente paradoxais, lócus de uma “confluência perversa” como nos atenta Evelina Dagnino (2002).

A narrativa do educador, porém, participa dos movimentos e afirma. Se, estamos com os pés neste chão, o local nos habita; compromete o corpo e, com compromisso que não é necessariamente de massa, demarca nossa participação nos processos sociais. Marca os pertencimentos, posturas e responsabilizações de formas muitas e sempre únicas. Sendo assim, a proximidade e a distância dos fatos, o pertencimento e não aos territórios, a tal responsabilidade pela *crise financeira do capitalismo* (anunciada em 2008-2009) são, de alguma forma, parte do cotidiano do bairro e nele move necessariamente posicionamentos. Não tornam alheios: as instituições, os projetos sociais, tampouco as pessoas, contrariando, portanto, diagnósticos de “inércia desmobilizadora” que se faz orientado pela participação na vida que é baseada em modelos, e que podem não fazer sentido ao presente das vidas onde as vidas estão realmente presentes.

De certo que as vidas não só reproduzem, mas produzem realidades o tempo todo. As vidas lidam com ambigüidades o tempo todo! Nem por isso, deixam de vincularem-se entre si, operando outros e diferentes passos com tônica de cidadania, com pulso de ocupação da vida, com movimentos de um corpo que, sobretudo, quer ocupar os espaços da cidade. Um corpo que reconhece seus direitos como “forma de dizer o mundo” no jogo das relações humanas, como bem definiu Telles (1997; 2003).

Portanto, para que os sonhos e as lutas sociais se façam não é preciso higienizar a vida destas ambigüidades, contradições, conflitos, porque eles “estão no nosso colo”, como desabafou o educador.

Educador e lutador que, juntamente à constatação que marca a grandeza da ordem econômica, o peso desta no corpo e nas possibilidades de (re)ações cotidianas, aposta também no seu trabalho miúdo como força do encontro da escola com o bairro. Abrir as portas para instituições comunitárias, se associar, participar de entidades sociais foi uma forma de fazer a escola e a educação operar com mais força e coerência com a vida além de seus muros e salas de aula. Congruente com o que se processa nas casas, no bairro, na rua que tangencia a escola. Necessidade clara para criação de uma rede cada vez mais forte no enfrentamento dos desafios sociais.

Os projetos sociais de Barra do Riacho não nos deixam também esquecer as ambigüidades!

Como a de ver a pobreza sendo associada à carência de tutela (frequentemente em nossas políticas sociais) e que, ironicamente, não é com tutela que instrumentalizamos sair da pobreza.

Os projetos escandalizam a “criminalização da periferia” quando se naturaliza no pobre e na periferia a propensão ao crime, por exemplo. Dão visibilidade a uma vulnerabilidade social, onde há apenas, uma vida não burguesa; carência de projetos civilizatórios, quando na verdade não há carência como problematização. Os projetos dão sonoridade a uma certeza de risco social, onde, curiosamente, uma tecnologia de “compartimentações do território” (SANTOS, 2008) lhe destinou racionalmente lugar de reserva, de sobras, silêncios (BAPTISTA, 1999).

Esta pesquisa demonstra, sobretudo: junto a tudo isso que pode ser determinante, predestinado e homogêneo no Terceiro Setor, com as ONGs e com os projetos sociais há também, com possibilidades audíveis, sonoras arbitrariedades fazendo destoar a História. Há o que os projetos sociais querem, porque querem as pessoas que se vinculam a eles, reagindo a uma **felicidade** e a um **sofrimento** que são ético-políticos porque enlaçam outras pessoas, histórias de vida e de luta (SAWAIA, 1999). Quer assim, a moradora que hoje trabalha num projeto, sempre sonhou em ser educadora, embora a crueza da vida não a tenha permitido, caducando seu magistério, vacilando a oportunidade de um sonho para que na vida coubesse o cuidado da família e a sobrevivência de outras urgências.

Quer o ex-atleta amador, que amou o mar sobre a experiência do *surf* e hoje divide seu tempo, suas contas a pagar, o início de um novo exercício profissional com o voluntariado de fazer o amor do mar também envolver mais meninos e meninas, nas horas outras dos prostíbulo e tráfico de drogas abundantes no bairro.

Os projetos de Barra do Riacho são sim alvos de oportunismo de “marketing social”, hoje trunfo de entidades públicas e empresas privadas. Os projetos, ainda assim, querem ser veículo para transportar lutas e sonhos; para portar assembléias cheias de anseios de moradores; para fazer oficinas que formam uma professora ao mesmo tempo em que a forma artesã; agora importante mobilizadora de outras tantas artesãs, oficinas, projetos sociais. Os projetos querem outros que não se alimentem da competição, mas que somem nas avenidas do bairro, a diferença, a polifonia, a mistura de idéias e cores como nos carnavais brasileiros.

Assim, trazemos novamente o menino que pede para voar num ônibus e que embora nunca tenha saído do bairro; embora não reconheça que o bondinho do Pão de Açúcar (RJ) não é um ônibus; sabe, contudo (e muito bem) que um ônibus não voa. Ainda assim, não estamos (com nossas pesquisas) autorizados a tirá-lo do direito de querer voar, de poder sonhar com outros lugares e formas de experimentar o laço humano e a vida. Alguém (com este menino) pode expandir as possibilidades de experimentação de uma vida que não precisa ser restrita à pertinência de uma criança estar no projeto social para não estar na rua, que agora é necessariamente perigosa; ficar no projeto, sem saber por que está; estar, porque simplesmente é hora de estar. O menino diz. Com tudo que é determinante e restritivo, neste lugar ainda é possível alegrar-se com o fato de ser criança, com a visita inusitada da pesquisadora; com o ato de desfilar para mostrar o quanto é hábil; dançar, para apenas segurar nas mãos de alguém.

Concluimos: se o bairro ensina sair do lugar de ‘vilanização’ de projetos e ONGs, para encontrarmos e experimentarmos o quê projetos sociais e ONGs mobilizam de experiência; se reconhecemos que a dimensão paradoxal da modernidade, da política, é enfim também dos humanos e da vida, não o fazemos por outro motivo que não **entrelaçar** a nossa vida com a vida que se processa nestes espaços comunitários. Entre-Laçar, porque no arranjo social as posições extremadas apagam sutilezas de enfrentamento. Laçar, porque humanos sempre mobilizam quando produzem diferentes sentidos e ações com os outros. Entrelaçar, mais uma

vez, para que as palavras nas narrativas produzam arbitrariedades, surpresas. Podendo a nossa ação fazer a palavra dançar, desfilar, aspirar vãos alegóricos!

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. Usos e Abusos da História Oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BAUMAN, Zygmunt Bauman. **Globalização: as conseqüências humanas**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAPTISTA, Luis Antonio. **A Cidade dos Sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades**. 1.ed. São Paulo: Summus, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____ **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p 197-221.

_____. Sobre o conceito da história. In:_____ **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p 222-232.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986.

DAGNINO, Evelina (Org). **Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Resposta a uma Questão**. Tempo Brasileiro, nr. 28, jan-mar 1972.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

_____. **Os Sem-Terra, Ongs e Cidadania**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA, Francisco de Oliveira. Das invenções à indeterminação. In:_____. RIZEK, C. (Org) **A era da Indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 15-45.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TELLES, Vera da Silva. **Medindo coisas, produzindo fatos, construindo realidades sociais**. Palestra proferida no Seminário Internacional sobre indicadores sociais para inclusão social/PUC, São Paulo, 16 mai. 2003.

_____. **Direitos sociais: afinal do que se trata?** Conferência proferida no Evento Direitos Humanos no Limiar do Século XXI/ Centro Cultural Maria Antônia, São Paulo, 12 mai, 1997.